

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

IVANE VIEIRA

**ALGUNS SENTIDOS SOBRE A GRAVIDEZ E A  
MATERNIDADE DE MULHERES NA ADOLESCÊNCIA**

Porto Alegre

2011

IVANE VIEIRA

**ALGUNS SENTIDOS SOBRE A GRAVIDEZ E A  
MATERNIDADE DE MULHERES NA ADOLESCÊNCIA**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gênero, Sexualidade e Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dagmar Elisabeth Estermann Meyer

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carin Klein

Porto Alegre

2011

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por conceder-me as virtudes de perseverança, fé, esperança e amor ao próximo.

À minha querida família, meus filhos, Valesca e Daniel, e ao neto Matheus, que me incentivaram nas horas difíceis e acreditaram na minha vitória.

Aos queridos familiares: mãe, irmãos e parentes que, mesmo distantes, me motivaram com suas palavras de carinho e de apoio.

À professora Dagmar E. E. Meyer, minha orientadora, e à coorientadora Carin Klein, pelo cuidado e pelo apoio no processo de construção do conhecimento, sobretudo por terem propiciado, de forma simples e humilde, um espaço de aprendizado repleto de trocas e crescimento pessoal e profissional.

Aos professores do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE), pelos momentos de aprendizagem e por terem colaborado com minhas reflexões.

Aos colegas de curso, com quem compartilhei esta caminhada e que me auxiliaram nos momentos de dúvidas.

À equipe da Sociedade Espírita Allan Kardec, pelo apoio, incentivo, carinho e por terem ampliado a minha experiência com o trabalho comunitário, contribuindo, assim, com meu crescimento pessoal e profissional. Em especial à Érica e à sua equipe, por serem, para mim, exemplos de pessoas inteligentes e, acima de tudo, competentes e preocupadas com as causas sociais.

Em especial, às adolescentes entrevistadas, pela disponibilidade em contribuírem com seus depoimentos para a realização deste trabalho.

## RESUMO

Este é um estudo exploratório, de natureza qualitativa, que busca analisar, sob a ótica dos estudos de gênero, as trajetórias afetivo-sexuais e reprodutivas de cinco jovens das classes populares de Porto Alegre e da Grande Porto Alegre, com idade de 14 a 18 anos, que tiveram experiência de gravidez na juventude/adolescência. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas para compreender como essas garotas significam a gravidez e a maternidade, considerando aspectos percebidos por elas como mais relevantes na concretização ou adiamento do projeto-maternidade. As entrevistas ocorreram em janeiro de 2011, na Sociedade Espírita Allan Kardec, em Porto Alegre, onde as jovens são assistidas por médicos. Nessa instituição, as gestantes, que deverão estar no oitavo mês de gravidez, são atendidas todas as quintas-feiras através do programa Mercedes Ferrari. Mediante a apresentação de suas carteiras do SUS e de identidade, são submetidas a uma avaliação médica. Procura-se, então, avaliar tanto a gravidez em si quanto a frequência ao pré-natal no sistema de saúde pública. As análises realizadas permitem dizer que as representações de gênero atravessam e organizam os processos de socialização na família. Em tais processos, as jovens vão construindo sentidos para a gravidez e para a maternidade, principalmente, a partir de suas vivências relacionadas à figura materna, sendo enfatizada por elas a importância da maternidade para a construção de suas identidades sociais.

**Palavras-chave:** Adolescência/Juventude. Gravidez. Maternidade.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>1 DISCUTINDO MATERNIDADE E GRAVIDEZ.....</b>	<b>9</b>
<b>2 OS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO REALIZADA.....</b>	<b>13</b>
<b>3 CONSTRUINDO IDENTIDADES MATERNAS.....</b>	<b>16</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

A presente monografia é um estudo exploratório, de natureza qualitativa, que busca analisar os desdobramentos da gravidez/maternidade ocorrida na adolescência e as trajetórias afetivo-sexuais de jovens pertencentes à classe popular de Porto Alegre e da Grande Porto Alegre. Em função de sua relevância, a gravidez e a maternidade na adolescência serão discutidas, aqui, e também de que forma essas experiências são entendidas em tal setor da sociedade.

Enfatiza-se, sobretudo, a perspectiva de gênero, que deve ser pensada como um processo dinâmico que institui relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre homens e mulheres, em diferentes espaços e tempos. Dessa forma, o conceito de gênero trouxe-me a possibilidade de colocar em discussão as relações sociais e de poder que se estabelecem entre homens e mulheres, uma vez que é na cultura que sentimentos, comportamentos e atitudes passam a ser significados e valorados (SCOTT, 1995; LOURO, 1997; MEYER, 2003).

Para a realização deste trabalho de investigação, propus-me a responder à seguinte questão: *Como jovens vinculadas a uma instituição filantrópica e assistencial de Porto Alegre significam a gravidez e a experiência da maternidade?*

A gravidez na adolescência/juventude é um tema que vem sendo amplamente discutido em diversos setores da sociedade. Algumas investigações, como o Projeto GRAVAD<sup>1</sup>, apontam maior incidência de gravidez nas classes populares. Embora a partir do ano (2001) a taxa de fecundidade, no Brasil, tenha diminuído, a gravidez na adolescência apresenta ainda maior proporção (IBGE, 2008). Essa parece ser uma preocupação predominante nos debates públicos.

Tentando atenuar o *problema*, criaram-se várias políticas públicas, programas e campanhas a fim de atuar sobre o crescimento da gravidez na juventude/adolescência. A busca de soluções para os problemas relacionados à saúde reprodutiva das mulheres está associada ao estabelecimento de programas políticos, que muitas vezes parecem atender interesses alheios aos das mulheres, sobretudo quando oferecidos como pesquisas

---

<sup>1</sup> Projeto *Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil* (Pesquisa GRAVAD). O grupo de pesquisadores compreende Maria Luíza Heilborn, Estela Aquino, Michel Bozon, Ceres G. Victora, Fabíola Rohden, Daniela Knauth, Cecília McCalum, Tania Salem e Elaine Reis Brandão, com consultoria estatística de Antonio José Ribeiro (IBGE).

experimentais de testes contraceptivos, ou em campanhas pontuais, que quase sempre não têm continuidade.

As pesquisas de Heilborn (2002) e Brandão (2003), entre outras, apontam que a gestação e a maternidade na adolescência envolve uma mudança de *status* da adolescente em relação à sua família e à comunidade. Esse acontecimento é ainda fortalecido pela exclusão social, pela dificuldade de acesso às informações sobre a sexualidade, aos métodos contraceptivos e também pelo *desejo de ser mãe* e de passar a constituir uma nova família. As jovens parecem vislumbrar possibilidades de novas formas de relacionamentos e reconhecimentos sociais, especialmente a partir da vivência da gravidez e da maternidade que vem acompanhada do cumprimento de atribuições, como a educação e o cuidado das crianças, funções estas que são fortemente atribuídas às mulheres (e não aos homens) em nossa cultura.

Principalmente nas camadas populares, as crianças com seis ou sete anos de idade passam a ter atribuições dentro da família (SARTI, 2003). Em linhas gerais, pode-se dizer que os meninos/homens ainda são ensinados a cumprir a função de provedores do lar, e as meninas/mulheres são educadas para exercerem as atividades domésticas, assumirem os cuidados infantis com irmãos e irmãs menores e, contemporaneamente, também contribuir com a renda familiar. Todas as jovens entrevistadas se envolviam com atividades relacionadas ao trabalho doméstico e ao cuidado de irmãos menores, logo essas atribuições faziam parte dos seus contextos familiares e eram vistas como um *valor* a ser incorporado por elas. Sendo assim, os sentidos em torno da gravidez e da maternidade das jovens pesquisadas fazem parte de suas experiências e são construídos ao longo de suas vivências.

Nessa perspectiva, as mudanças e as compreensões em torno da juventude no cenário mundial, a partir dos anos 1970, tornaram a passagem à vida adulta<sup>2</sup> bem mais complexa. Em contraste com as gerações passadas, a transição à vida adulta, no atual contexto, é caracterizada pela conjuntura recessiva, pela diminuição de oportunidades no mercado de trabalho. É pertinente falar que fatores estruturais, que condicionam a juventude, são expressivos de diferentes condições materiais e de existência, e ainda, que fatores de gênero introduzem especificidades na passagem da vida adulta. As afirmativas “agora vou cuidar do meu filho e marido” e “agora vou ter minha casa”, muitas vezes, estão atreladas ao sonho do

---

<sup>2</sup> Galland (1997), por exemplo, destaca dois modelos para a passagem à vida adulta. O primeiro é o *tradicional*, no qual a transição, além de se processar de forma rápida, se caracteriza pela simultaneidade entre as diferentes passagens. Esse modelo sintoniza-se com o modo como os jovens das classes trabalhadoras operam a passagem à idade adulta. O segundo substancia-se no prolongamento da juventude, do tempo de estudos e, conseqüentemente, o retardamento da formação de uma nova família.

casamento, de tornar-se mais independente e responsável, mediante a constituição de uma nova família.

Vale dizer que a valorização da maternidade passa a ter diferentes significados, sobretudo de acordo com as condições culturais e socioeconômicas. Por exemplo, as jovens entrevistadas consideram a maternidade um indício seguro das possibilidades de vivência dos desejos sexuais e afetivos, entretanto ela continua sendo afirmada como um elemento muito forte da cultura e identidade femininas, pela sua ligação com o corpo e com a natureza.

Na maioria das vezes, o parto é o momento da primeira internação de adolescentes (IBGE, 2000). Segundo as discussões apresentadas nas pesquisas as adolescentes que engravidam são geralmente filhas de mães que também iniciaram precocemente sua vida sexual e engravidaram quando ainda eram jovens (WERNECK, 2004; IBGE, 2000). Outros dados indicam que a cada cinco gestantes no Brasil, uma é adolescente.

É bem diferente o perfil socioeconômico das mães que tiveram o primeiro filho quando jovens. Elas apresentaram pouca escolaridade e baixos rendimentos. A proporção das mães economicamente ativas é baixa para essa faixa de idade. Em relação às mães mais velhas, as menos jovens declararam-se brancas. Outro aspecto importante a ser observado é que apenas 54,7% das adolescentes (de 10 a 14 anos de idade) afirmaram que viviam ou já tinham vivido em união estável (IBGE, 2000).

A Sociedade do Bem-Estar Familiar (BEMFAM) – organização sem fins lucrativos financiada pela Federação de Planejamento Familiar Internacional (IPPF), que subvenciona programas de planejamento familiar nos países do Hemisfério Sul – foi uma das entidades que mais contribuíram para a divulgação e a distribuição de contraceptivos no Brasil. Com campanhas públicas e empenhados em diminuir as taxas de natalidade nas camadas pobres da população, os profissionais da saúde acabam responsabilizando as mulheres pelo controle da fertilidade, pautando suas ações, principalmente, em estratégias de educação para o uso dos métodos anticoncepcionais (PANDS/BEMFAM, 1997, p. 56).

Por essas razões, torna-se pertinente indagar sobre: os significados que, neste momento e nesta cultura, estão sendo atribuídos ao processo de gestação e de maternidade na adolescência; os processos históricos e culturais que possibilitaram que certas características se tornassem especiais; os processos que permitiram, finalmente, que certas características passassem a ter mais valor que outras, não sendo possível ignorar que no processo de atribuição de identidade (e, ao mesmo tempo, atribuição de diferenças) está em ação um jogo de poder. As identidades construídas no contexto da cultura produzem-se em meio a disputas, supõem classificações e ordenamentos que modelam experiências dos sujeitos. As

representações e as práticas estão implicadas num processo de diferenciação, para o qual o conceito de gênero é fundamental, por ser um sistema de classificação social que organiza e diferencia sujeitos masculinos e femininos em distintas sociedades.

Com este estudo, pretendo colaborar com a desmistificação da gravidez na adolescência/juventude enquanto um problema social, na medida em que essa discussão também pode ser vista e pensada a partir dos sentidos e dos significados que estas têm configurado em torno da gestação, da maternidade e da constituição de uma nova família. O objetivo desta investigação pressupõe um entendimento prévio de que aqui tratarei de uma análise sobre algumas especificidades que a maternidade passa a representar para a transição à vida adulta dessas jovens nos dias atuais, e como esse fenômeno se modula em função de uma classe social e gênero, revelando alguns percursos juvenis, calcada em questões teórico-metodológicas pertinentes ao tema escolhido.

## 1 DISCUTINDO MATERNIDADE E GRAVIDEZ

A maternidade encontra-se num campo de discussão bastante complexo. De um lado, vem sendo caracterizada como um processo *naturalmente* feminino, de outro, é concebida como um construto da cultura. De qualquer forma, o desejo de ter um filho parece configurar uma vivência que está intimamente ligada aos ideais sociais, familiares e pessoais, atravessados por pressupostos de gênero. Nesse sentido pode-se dizer que gênero se refere,

A todas as formas de construção social e cultural implicados nos processos que diferenciam homens e mulheres, incluindo aquelas construções que produzem os corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos masculinos e femininos. O conceito de gênero passa a focalizar exatamente o caráter construído dessas distinções-biológicas, comportamentais ou psíquicas percebidas entre homens e mulheres. (MEYER, 2003, p. 7).

A noção de gênero rejeita a ideia de que características anatômicas e fisiológicas de homens e mulheres definem as diferenças e as desigualdades sociais existentes entre eles. Enfatizando um enfoque social e cultural construído para essa noção, as desigualdades de gênero são articuladas a outros marcadores: de classe, de raça, etnia, entre outros. Porém, na maioria das sociedades, as relações de gênero são desiguais, e isso se reflete e atravessa na formulação e implementação de políticas, nas estruturas jurídicas e institucionais, enfim, nas práticas sociais que envolvem, fundamentalmente, a educação e o cuidado da família e das crianças.

No que tange à reprodução, as relações de gênero são marcadas por posições diferenciais de poder ocupadas por mulheres e homens. Se, por um lado, as mulheres são responsabilizadas pelo controle da contracepção, a política de planejamento familiar do Ministério da Saúde não está sendo concretizada na medida do desejado, pois permanece limitada em diminuir as taxas de natalidade nas camadas mais pobres da população.

O poder atravessa e organiza as relações de gênero. De acordo com os estudos de gênero, pode-se dizer que, historicamente, os sentidos atribuídos ao feminino e ao masculino foram construídos a partir da delimitação de funções distintas ao homem e a mulher na vida familiar: o pai exercendo sua autoridade sobre a propriedade familiar, e a mulher ficando mais restrita ao cuidado dos filhos e às tarefas domésticas. Não sendo uma regra geral, esse padrão influenciou fortemente a construção social acerca do ser mulher e da maternidade, contribuindo, por muito tempo, na definição de posições sociais diferenciadas de homens e mulheres na sociedade brasileira. Ainda hoje, leva muitas mulheres a reverem, mas também a

reproduzirem valores e padrões relacionados ao feminino e à maternidade. Sabe-se que esses aspectos concorreram para que elas questionassem o padrão de comportamento social referente ao casamento e à idade de ter filhos.

Teorias feministas contemporâneas tiveram grande repercussão sobre algumas mudanças de paradigmas modernos, como os que tratavam de colocar o cuidado e a maternidade no terreno da natureza e do feminino. Com a revisão desse paradigma, pode-se pensar o exercício da maternidade como um construto da cultura, atravessada por padrões sociais e econômicos (KLEIN, 2003; MEYER, 2000a). O reconhecimento da condição feminina emergiu efetivamente nas Ciências Sociais com base na luta e na crítica contemporânea. Em relação ao argumento de que os atravessamentos de gênero incidem sobre as escolhas das pessoas, questiono ainda: como as adolescentes vinculadas à Sociedade Espírita Allan Kardec (entidade onde ocorreu esta pesquisa) vivenciam suas trajetórias afetivas? A identidade assumida pelas mulheres pode estar relacionada aos aspectos que a sociedade historicamente legitima ou autoriza; viver funções relacionadas à maternidade em um determinado contexto pode passar a fazer parte da realização de desejos e pertencimentos sociais, como casar, constituir família, agradar aos pais, pertencer a determinados grupos como os propostos pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS), cadastrar-se em programas sociais, como o Programa Bolsa Família (PBF) e, através disso, obter *status* social.

Segundo Meyer (2000a), o que importa nessa perspectiva sociocultural é discutir os modos pelos quais a materialidade da maternidade se expressa e se torna inteligível, tanto nas representações (imagens, textos, corpos, músicas, campanhas, programas) que educam, fixam e regulam formas de ser mãe no interior da cultura, como também por meio dos comportamentos e sentimentos que as mulheres expressam. É nesse sentido que alguns significados, atributos, lugares sociais e circunstâncias conferem à maternidade uma condição específica em nossa cultura e na construção de identidades femininas e masculinas.

Dessa maneira, para analisar essa produção de verdades em torno da maternidade, é preciso compreender quem está autorizado a falar, quais lugares e pontos de vista tornam legítimo o que é ser mãe em nossos dias. Para as jovens que se encontram em desvantagens sociais, as que são assistidas pela Sociedade Espírita, a vivência da gravidez pode indicar alguns significados específicos e a demarcação de algumas instâncias envolvidas nessa produção, ao se considerar que sua ocorrência se dá em um contexto de oportunidades restritas, devido à baixa escolaridade e a consequente dificuldade em ingressar no mercado de trabalho.

Nesse sentido, Klein (2003) argumenta que é possível dizer que diferentes discursos se articulam e disputam lugar na produção da maternidade: na mídia, em clínicas médicas, políticas públicas (como o Programa Bolsa Família), nas instituições jurídicas, assistenciais e políticas que podem ser lidas a partir dessa abordagem. A produção de verdades em torno da maternidade é dirigida, especificamente, às famílias e às mulheres-mães, através de programas governamentais e outras instâncias sociais que veiculam formas de sentir e viver a maternidade, voltadas principalmente ao cuidado de si, da família e do desenvolvimento intelectual e saudável das crianças.

O valor socialmente atribuído à maternidade pode nos fazer refletir sobre a construção de um saber produzido na experiência cotidiana das mulheres-mães, como também de um conjunto de ensinamentos relacionados à educação e à saúde, mostrando os dilemas que envolvem esse tema. A “afeição maternal”, a ideia do amor romântico e a criação do lar envolvendo um novo modelo baseado no amor entre pais e filhos (GIDDENS, 1993, p. 53), exalta uma suposta função *natural* da mulher como mãe, atribuindo-lhe os deveres e as obrigações na criação dos/as filhos/as, limitando, assim, grande parte da função social feminina à realização da maternidade.

Stuart Hall (2003), ao refletir sobre as identidades, aponta que, com as mudanças estruturais e institucionais advindas da pós-modernidade, o sujeito, que era definido como tendo uma “identidade única e estável”, está se transformando e passando a ter várias identidades, algumas vezes contraditórias (p. 12). Sendo assim, os sistemas de significação e representação cultural ampliam-se, os sujeitos são confrontados por uma multiplicidade de identidades e acabam por assumir identidades diferentes em diferentes momentos.

Baseada nessas reflexões, a maternidade foi, aqui, teorizada como uma marca de gênero, produzida por uma cultura específica. Tais marcas são produzidas a partir de aprendizagens e comportamentos incorporados às vivências maternas, experiências que ocorrem mediante a inserção familiar, comunitária, bem como pelo pertencimento econômico das jovens. São práticas sociais que envolvem principalmente o cuidado e a educação das crianças, assim como comportamentos e sentimentos (amorosos e abnegados) que atravessam, tanto a maternidade contemporânea quanto algumas atividades profissionais exercidas ainda hoje, principalmente por mulheres (KLEIN, 2003).

Assim, percebemos que muitas são as orientações que direcionam as mulheres, quase que exclusivamente, a cuidar de si e da saúde da sua prole. Tomam-se como exemplo as políticas voltadas à mulher sobre o cuidado, a higiene e a amamentação, nas quais muitas mulheres-mães são orientadas segundo regras vigentes, levando-se pouco em conta suas

vivências e seus pertencimentos sociais. Como já indiquei muitas das incitações feitas às mulheres-mães, a fim de torná-las as principais responsáveis pela educação dos/as filhos/as, encontradas nas esferas públicas e privadas, partem de compreensões e justificativas calcadas numa suposta *natureza feminina*. Assim, ao divulgar ensinamentos específicos, explicitam-se formas de agir, sentir e cuidar, multiplicando os locais, as situações e os indivíduos envolvidos no exercício da maternidade (KLEIN, 2003).

A maternidade é significada, geralmente, como um evento que produz uma relativa autonomia juvenil (BRANDÃO, 2003). Essa transição parece ser muito valorizada, pois as jovens se tornam mais *respeitáveis*, podendo a maternidade se configurar como uma das alternativas mais valorizadas para as moças de comunidades populares, apesar do aumento de suas responsabilidades, como mãe e companheira, e da expectativa da família e da comunidade. Já que idealizam construir seu lar, muitas se deslocam das famílias de origem, mas, por vezes, continuam recebendo algum tipo de ajuda ou até mesmo ficando no núcleo familiar. Acredito que tal dependência está associada às condições precárias de vida e à falta de oportunidades de trabalho, o que leva a *nova família* a permanecer dependente dos pais por um período inicial.

Foi nesse sentido que busquei compreender alguns aspectos que envolvem a gestação e a maternidade das jovens pesquisadas, o que elas falavam sobre a formação de uma nova família, como incorporar a vivência da maternidade, tornar-se *cuidadora*, exercer as funções domésticas e ter (ou não) um companheiro. Procurei também refletir sobre algumas expectativas de suas famílias, na medida em que estavam acompanhadas por seus/suas familiares. Com a realização dessas discussões, não pretendo definir comportamentos como bons/maus, certos/errados; não pretendo, também, fazer censura ou apologia à gravidez na adolescência. Desejo trazer à cena discussões que remetam às histórias de jovens grávidas: trajetórias que contêm sonhos, expectativas, comportamentos, necessidades e realizações. Histórias que talvez permitam refletir sobre as adversidades existentes no ambiente em que as jovens vivem, bem como sobre os “projetos de vida” que passam a constituir (SCAVONE, 2000).

## 2 OS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO REALIZADA

Para a produção do material empírico, realizei um encontro com adolescentes que estavam vivenciando a experiência da gravidez pela primeira vez, com idades de 14 a 18 anos, moradoras de Porto Alegre e da Grande Porto Alegre, em janeiro de 2010. Os desdobramentos de uma gravidez/maternidade foram valorizados pelas jovens como um dos meios de constituir família, parecendo naquele momento, constituir-se um lugar seguro (ou único) de viver seus desejos sexuais e afetivos. As jovens selecionadas para o estudo recorrem aos benefícios oferecidos pela Sociedade Espírita Allan Kardec, entidade filantrópica existente há 120 anos. Essa instituição presta serviços de atendimento às mulheres, independentemente da idade e do número de filhos que possuem, oferecendo um enxoval completo para o bebê e para as gestantes, escolhidos por elas. As peças são confeccionadas por senhoras voluntárias da comunidade e de outras localidades, sendo que a mais nova dessas senhoras possui 74 anos de idade e, a mais velha, 92 anos. Elas participam de atividades que visam a beneficiar as gestantes, há mais de 10 anos.

Essa ação com as gestantes ocorre em apenas um encontro, após o oitavo mês de gestação, e objetiva explorar tanto as possibilidades de diálogo, como abordar a vivência de uma gestação saudável dessas jovens. Elas são reunidas em uma sala junto de seus acompanhantes; após, passam por uma breve avaliação médica, sendo esse profissional um funcionário da instituição. A avaliação da gestante é realizada mediante um acompanhamento dos programas de saúde oferecidos pelo SUS, sendo necessária a apresentação da carteira da gestante, na qual é verificada a realização do pré-natal. A ficha é elaborada para o controle da instituição filantrópica que, pelo tempo de atuação, é reconhecida como uma referência na comunidade; vários profissionais que atuam nos serviços de atendimento comunitários de assistência conhecem as gestantes, buscando informar-lhes como obter seus benefícios, há 119 anos. Assim que as pessoas adentram na referida instituição, já têm certo conhecimento dos princípios e das regras que deverão ser seguidos pelos servidores voluntários, que visam a concretizar ali o lema *Caridade e Amor*.

As adolescentes entrevistadas eram cinco grávidas de oito meses, com idades de 15 a 18 anos. A faixa etária foi estabelecida a partir da definição prevista pela legislação brasileira, especificamente no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), que define a idade de

adolescente como a pessoa entre 12 e 18 anos incompletos.<sup>3</sup> Para a entrevista, escolhi jovens obedecendo aos critérios de idade delimitada e de vivência da primeira gravidez. Pensei, também, em ouvi-las, por considerar relevantes suas trajetórias afetivas – através de dados obtidos na indagação com as mesmas –, com o objetivo de conhecer como elas significam a gestação, a maternidade e as suas relações afetivas.

As gestantes entrevistadas moram em Porto Alegre e na Grande Porto Alegre. Elas estão construindo uma nova família e residindo com o pai do bebê. Segundo elas, antes de conhecerem seus cônjuges, moravam com suas famílias de origem, frequentavam a escola, porém suas idades eram bem superiores às dos colegas devido a repetências de dois ou mais anos na mesma série.

No contato inicial com cada adolescente, apresentei a proposta do trabalho e esclareci todos os procedimentos éticos da entrevista, incluindo o uso de gravação e o termo de consentimento; enfim, foram explicadas todas as informações referentes à pesquisa que iria se realizar. Houve aceitação, consentimento e adesão de todas as jovens, bem como de seus familiares, quando acompanhadas. Cabe destacar que a instituição foi muito acolhedora, o que contribuiu para que as gestantes se sentissem muito à vontade para responder e falar amplamente sobre os assuntos abordados, facilitando o desenvolvimento do trabalho em questão. Convém lembrar que os nomes das jovens inquiridas foram trocados por questões éticas, a fim de preservar a identidade das mesmas.

Após um primeiro encontro e da realização de uma avaliação médica, foi apresentado o depoimento da pessoa responsável pelo planejamento e desenvolvimento do programa na instituição com as gestantes, que foi mãe aos 14 anos de idade, a qual relatou sua trajetória afetiva e suas experiências em torno da educação, do amor e da perseverança, visando sempre ao crescimento pessoal e profissional do seu filho para tornar-se um “homem de bem”. Foi após a fala dessa mulher-mãe que pude realizar as entrevistas individuais em uma sala da instituição. As perguntas foram previamente elaboradas a fim de explorar aspectos referentes às trajetórias escolares, de trabalho, moradia, relações familiares, posicionamentos de gênero e reprodução (incluídas as práticas contraceptivas e preventivas).

As entrevistas duraram, em média, 40 minutos. Logo após, acompanhei-as no processo de escolha dos itens que receberiam do enxoval do bebê, ficando somente a jovem e

---

<sup>3</sup> O conceito adolescência tem uma origem bastante recente na história social do Ocidente. Seu sentido atual só foi definitivamente consolidado no final do século XIX, situado enquanto um processo relativo a um período particular na vida dos indivíduos, entre a infância e a idade adulta, como destaca Ariès (1985). Assim, tanto juventude como adolescência são conceitos construídos historicamente e adquirem vários sentidos até o momento atual.

acompanhante, quando presente, nas informações obtidas durante a entrevista. Considero que a relação entrevistadora-entrevistada foi acolhedora, e as jovens tiveram oportunidade de expressar o que desejavam naquele momento, escolhendo posteriormente o que havia disponível para doação.

Nas entrevistas, foram abordadas questões relativas à gravidez e à maternidade das jovens gestantes. As perguntas foram as seguintes: Como você se sente grávida? Quais métodos contraceptivos você conhece? Numa conversa informal, também procurei conhecer suas experiências e percepções acerca do tema referido, através das respostas a duas perguntas básicas: Como é sentir-se grávida? O que a maternidade representa para você?

### 3 CONSTRUINDO IDENTIDADES MATERNAS.

A seguir, apresento uma tabela cujo objetivo foi ampliar as informações sobre as gestantes entrevistadas. Neste capítulo, busco narrar aspectos que considere importantes sobre as trajetórias afetivas das adolescentes pesquisadas, bem como realizar a análise das suas falas, indicando os sentidos que iam sendo demarcados em torno da experiência da gestação e da maternidade.

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Renda familiar</b>
Ingrid	14 anos	Casada	5ª série	Servente de obra	Dois sal. mín.
Renata	16 anos	Casada	1º grau	Reciclagem	Um sal. mín.
Sandra	17 anos	Casada	2º grau	Não trabalha	-
Mabel	18 anos	Casada	1º grau	Artesã	Dois sal. mín.
Karina	15 anos	Casada	6ª série	Pedreira	Dois sal. mín.

Quadro 1 – ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE AS GESTANTES ENTREVISTADAS

Ingrid estava acompanhada de sua mãe, vestida com uma roupa de menina e ostentava a barriga desprovida de vestimenta. Trajava short curto e segurava uma bolsa cor de rosa com desenhos de temas infantis. Assim que foi chamada, ela e sua mãe entraram numa sala. A moça parecia feliz. Sua mãe continuava a passar-lhe orientações, sugerindo que a filha ficasse sentada, devido ao peso da barriga que sustentava. Ingrid engravidou com idade próxima à de sua mãe.

A seguir, transcrevo alguns trechos da entrevista. Iniciei, perguntando: *Como você se sente grávida?* “Feliz.” *Você conhecia os métodos contraceptivos?* “Sim.” *Quais?* “Conheço alguns, como preservativos e pílulas, mas eu e meu namorado não os usamos.” *Você tinha conhecimento que não fazendo uso de nenhum método contraceptivo poderia engravidar?* “Sim, eu sabia.” *Queria ser mãe?* “Sim.” *Por quê?* “Meu marido ganha bem.”

Segundo Ingrid, o “marido ganha bem” (dois salários mínimos por mês) e assim podiam manter-se com tranquilidade. Pergunto: *Como é estar grávida?* “Muito peso da barriga, está ruim de dormir. Não posso dormir de lado, é desconfortável para dormir.” A moça, contudo, diz que não teve problemas de saúde. Aquele corpo de menina, com 14 anos de idade, parecia não estar preparado para esta nova fase de vida; ela ainda vestia as roupas de

menina, com motivos infantis, e todas as decisões e orientações de como se cuidar eram proferidas pela mãe, que a acompanhava.

Percebi na mãe de Ingrid – que tem mais quatro filhos – uma aceitação da gravidez da filha, já que se preocupava com ela, no sentido de orientá-la para que se tornasse uma “boa mãe”. Constatei, ainda, que em todos os momentos remetia à filha a própria experiência materna, na dinâmica do dia a dia focada na esfera doméstica, demarcada por funções específicas a serem desempenhadas por homens e mulheres, ou seja, pautadas por uma suposta adequação ao cumprimento de funções femininas repassadas culturalmente pela mãe. É possível dizer que a relação da adolescente com a sua figura materna, de responsabilidade e compromisso com a filha, trazem representações de cuidado de crianças. Comportamentos e atitudes que parecem servir de modelo para aquela jovem, indicando como esta deveria se posicionar diante das funções maternas.

Ingrid tinha 14 anos e havia parado de estudar na 5ª série. Segundo ela, não gostava de estudar, pois não conseguia acompanhar seus colegas e tinha vergonha de falar diante da turma porque possuía mais idade que a maioria. Não conseguia entender os conteúdos e sentia vergonha de fazer perguntas aos professores. Afirmou, ainda, que não tinha amigas na sala de aula e que, agora, fazia as tarefas domésticas para a mãe e sempre cuidava dos irmãos menores. Aprendeu a cozinhar, arrumar a casa e disse: “vou ter minha casa e meu marido” e, com ele ter mais liberdade “de tudo”.

Como foi dito, Ingrid desistiu de estudar, porque não conseguia acompanhar o ritmo de aprendizagem dos colegas, e a repetência deixou-a frustrada diante dos mais novos. Nesse momento, a maternidade, para a adolescente, parecia ocupar um lugar relevante e de continuidade aos planos que traçara para o futuro, alicerçada principalmente em uma (re)configuração familiar e na adequação à experiência das funções maternas.

Cabe observar que, na história de Ingrid, ela assume, enquanto adolescente, a maternidade, fortalecendo suas relações com seus familiares, mais especificamente com sua mãe. Esta influencia a filha a incorporar as funções maternas, que em breve estará assumindo, e no trabalho de dona de casa. Ao ouvir Ingrid, começo a observar de que forma alguns pressupostos de gênero atravessam a fala da jovem e de como vai moldando expectativas e projetos em torno da gestação e da maternidade.

O presente estudo parte do pressuposto de que o conceito de gênero nos possibilita pensar a maternidade como um processo amplo e dinâmico, que passa não só pela gravidez, mas também pelos sentidos que cercam o desejo de ter um/uma filho/a, de tornar-se mãe, de cuidar de uma criança e, ainda, enquanto mulher, realizar-se de acordo com ideais sociais,

familiares e pessoais, dentre outros (HEILBORN, 2002). A maternidade na adolescência possibilitou-me pensar nos referenciais culturais: as experiências vivenciadas que trazem histórias particulares, aprendizados e valores construídos a partir de diversas relações sociais nos diversos grupos a que as jovens pertencem. Heilborn (2003) diz que não é a desinformação que leva à gravidez na adolescência, e isso começa a se evidenciar, também, em minhas entrevistas.

Baseada no conceito de gênero rejeita-se claramente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para diversas formas de subordinação feminina – pelo fato de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e que os homens têm força muscular superior à feminina –, é uma forma de indicar *construções culturais* sobre as funções de homens e mulheres. Trata-se de uma forma de se referir aos sentidos atribuídos aos homens e mulheres, impostas sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1990, p. 7).

Nessa perspectiva, a entrevistada refere-se à maternidade como um acontecimento previsto e almejado, cuja ocorrência, na adolescência, é entendida e recebida com certa tranquilidade pelas famílias e pela comunidade. Quando a jovem diz com muita altivez “o meu marido”, demonstrava buscar certa autoafirmação nesse mundo de oportunidades que talvez lhe parecessem restritas. Nesse sentido, entendo que a gravidez coloca-as numa posição tanto de “amparo”, como de reconhecimento social, representando certo modelo de trajetória a ser vivida pelas jovens, dentro dessa cultura.

\*\*\*\*\*

Renata estava acompanhada do pai do bebê, vestia roupas de grávida, um vestido colorido, curto, evidenciando sua gravidez, e com os pés um pouco inchados. Quando entraram para fazer a entrevista, pareciam muito tranquilos. Perguntei: *Como você se sente grávida?* “Ah! Eu já tenho 16 anos”. *Você tinha conhecimento de métodos contraceptivos?* “Sim, conhecia através das aulas de Ciência, na escola.” A moça ficou grávida quando ainda estudava, mas disse que agora que vai ter um bebê, ficará um tempo em casa, cuidando da criança. *Como você se sente grávida?* “Vou ser mãe. Ah! Embora sei que é difícil carregar um grande peso na barriga, mas decidimos ter um filho enquanto fôssemos jovens”. Dessa forma o casal considera que pode acompanhar melhor a criança. “Será um menino e terá o nome de Júnior”, nome que o pai escolheu.

Antes de responder às perguntas, a jovem sorria, olhando para o pai do bebê e para as roupas que iriam selecionar para a criança. Renata escolheu roupas azuis para seu filho e roupas jovens, sensuais, para si, dirigindo sempre um olhar feliz para seu companheiro, que não deixou a futura mamãe carregar os pacotes quando saíram da sala.

A posição do pai enfatiza que a masculinidade tem a ver com as relações sociais e também se refere a lugares socialmente construídos. Essas relações de gênero fazem parte de uma discussão muito mais complexa do que as dicotomias dos *papéis de sexo*, enfatizando o caráter dinâmico em relação às atribuições masculinas e femininas que passam a adquirir uma centralidade na família, na construção do masculino e da função que cabe ao homem desempenhar, enquanto pai e provedor (KLEIN, 2003).

Renata verbalizou a importância de ser mãe e dedicar-se ao filho. Afirmou que com a criança assumiria plenamente a posição de mãe, parecendo não demonstrar dificuldades em conciliar a adolescência e a maternidade. Observo, ainda, que, para Renata, a maternidade parece cumprir a realização de uma etapa de vida que estaria em consonância com a dinâmica familiar que conhece, isto é, na qual a maternidade e o cuidado das crianças cumprem um “destino natural da mulher” (MEYER, 2000a, p.117-133).

A mãe dessa gestante parece ter sido uma referência importante na sua vida. Isso se evidencia mediante a sua pouca idade e frente aos conhecimentos e orientações que busca incorporar. Ou seja, ela se posiciona como mãe, comparando-se à trajetória vivenciada pela própria mãe, o que a fortalece e permite situá-la como mulher-mãe. Esse argumento, de certo modo, caracteriza a maternidade como uma forma valorizada do feminino em sua cultura (MEYER, 2006).

Aqui também podemos evidenciar de que forma a adolescente entrevistada passa a atribuir significados para a experiência da maternidade. O principal deles referiu-se a uma mudança de vida para ela, que passa a vislumbrar novos compromissos e responsabilidades, ou seja, cuidar do/a filho/a e passar a assumir as tarefas domésticas no lar que estão construindo. De acordo com Badinter (1985), foi construído, nas classes populares, um significado da maternidade na adolescência, no qual a função materna, em tempo integral, foi definida como imprescindível para o desenvolvimento de uma criança.

\*\*\*\*\*

Sandra relatou que engravidou após quatro meses de relacionamento com seu namorado. “De início a gente se cuidava e, como já estávamos namorando há tempos, não usávamos mais os métodos que conhecíamos para evitar uma gravidez”. Perguntei: *Como é para você estar grávida?* “Agora vou ter um filho meu, já temos idade para isso, sei que ela vai me amar, estou muito bem, nem sinto que estou grávida, faço tudo o que eu fazia antes”. *Como é ser mãe?* “Sempre tive vontade de ser mãe e agora vou ter minha menina. Enquanto que meu marido não tem trabalho, vamos ficar morando com meus pais e mais cinco irmãos. Eles demonstram estar felizes, quando Sandra diz: “teremos um bebê, sou a mais velha da família. Os meus pais, os avós, fazem tudo o que eles podem, eles estão sempre preocupados comigo, mas tudo sempre deu certo, não tive nem enjoos, agora está perto da chegada dela, tudo o que fazemos é para o bebê”.

Sandra é uma adolescente de 17 anos, morava com o pai da criança e, agora, o casal está morando com os pais da jovem e com mais cinco irmãos. Ela conhecia os métodos contraceptivos, no entanto, como estavam “namorando há tempos” (quatro meses), não fez uso de nenhum. Esse depoimento aponta para o que muitos autores (AQUINO, 2003; HEILBORN, 1999; 2002; BRANDÃO, 2004) vêm discutindo: que as adolescentes têm engravidado apesar de terem informações sobre os métodos contraceptivos e sobre as formas de prevenção de uma gravidez. Segundo esses autores, outra discussão importante é que, com o passar do namoro, o não uso de preservativos passa a significar uma entrega, uma *prova de amor e de confiança*, o que pode ampliar a vulnerabilidade de ambos a doenças sexualmente transmissíveis. Portanto Sandra demonstra um comportamento aparentemente normal ao colocar a questão do não uso dos métodos contraceptivos, evidenciando também que a forma de agir do companheiro, que não manifestou nenhum interesse em negociar a prevenção da gravidez, é “natural” do masculino.

Sandra, ao referir-se à sua idade, indica que estava preparada para ser mãe, e sentia-se fortalecida por estar convivendo com seus familiares. Concebia a maternidade como um momento de encantamento em sua vida, “uma coisa maravilhosa”, “tudo o que fazem é para meu bebê”. Trata o período da gestação como uma fase de muita tranquilidade e diz que vai gostar de tudo, principalmente a chegada do bebê, em breve. “Agora vou ter minha filha”. Sandra considera uma vantagem ser mãe tão jovem, visto que poderá crescer junto com a filha e vivenciar com ela todas as etapas da vida.

A história de Sandra me fazia refletir mais sobre sua gestação e maternidade, como essas experiências poderiam ser “maravilhosas” quando dependiam de seus familiares para o sustento do casal e da filha que iria nascer, uma vez que seu companheiro se encontrava

desempregado. Mas essa era uma preocupação particular, relacionada à minha experiência de vida. Sandra demonstrava identificar-se e reproduzir histórias já conhecidas, relacionadas ao apoio de quem sempre lhe serviu como referência e exemplo, sempre voltados para as representações materna e paterna.

Nesse contexto, a relação que a adolescente tem com a sua família permeava os sentidos que atribui à gravidez e à maternidade. Para ela, a função do pai da criança está relacionada à presença, ao apoio e à proteção: “Agora ele está mais junto ainda, me acolhendo”. Já a figura materna, para a jovem, é percebida como aquela que dá conselhos e orienta quanto aos cuidados com a criança e com si própria. Sandra valoriza o fato de ter uma boa relação com sua mãe e de ajudá-la em tudo que precisa. Porém demonstra que sua construção enquanto mãe e cuidadora também provêm fundamentalmente de sua referência familiar e materna.

Além da mãe e do pai, ela ainda relata a presença dos cinco irmãos que lhe dedicam cuidados, enquanto espera seu bebê. Cabe ressaltar que, nesse apoio familiar, o que mais lhe é significativo é a ajuda da figura materna, que reforça os cuidados para com os filhos, fazendo parte das funções maternas. Esse significado é incorporado como algo “natural”, transmitido de geração para geração, como se desempenhar a função de mãe e cuidadora fosse uma vocação ou um instinto de todas as mulheres. As figuras da mãe da gestante e de Sandra como mãe funcionam como exemplos para pensarmos numa forma de viver o amor relacionado ao feminino, ficando nas entrelinhas que o sentido conferido por elas à maternidade parece ter uma origem religiosa. Talvez, isso confira ao “ser mãe” um sentido “maravilhoso”, na medida em que acaba sendo algo incontestável, “uma benção de Deus”. Esse sentido tem uma influência cultural muito forte em sua família, em especial da sua mãe, a qual contribui diretamente nessa construção.

De acordo com a entrevistada, ela permanecerá com a família de origem, enquanto que as demais passaram a morar com o parceiro. Entendo que a dependência familiar de Sandra está associada às condições de oportunidades de trabalho, fazendo com que o parceiro passe coabitar com os pais da adolescente, prolongando, assim, a “dependência” e a reciprocidade entre todos os membros da família (HEILBORN, 2002), podendo ocorrer por um determinado período. Penso que a referida dependência não representa o abandono dos sonhos dessa jovem mãe; a maternidade continua como um projeto de construção de uma nova família – “reafirmação dos projetos de ascensão social”.

\*\*\*\*\*

Mabel estava acompanhada do marido, e os dois sorriam muito. Ele estava com a mão sobre o ombro da gestante. Perguntei à jovem: *Como é estar grávida?* “É bom. Quando sinto ele se mexer, quase nem acredito que tenho um bebê na minha barriga, mas sinto que ele é meu”. *O que representa a maternidade para você?* “Ah, já estamos juntos há oito meses, eu já estava com idade de ter filhos, minha mãe teve seu primeiro com 15 anos. Desisti de estudar, repeti muito as séries e agora estou adulta e preciso trabalhar, vou ajudar meu marido, eu aprendi os trabalhos que ele faz”. *Como foi que decidiram a gravidez?* “Ah, nós conversamos, eu e meu marido, parei de usar a pílula e, logo no mês seguinte, engravidei. Até achei que iria demorar mais, mas logo fiz o teste e deu positivo. Ele vende nas feiras e em casa também. Quem vai cuidar do nosso bebê sou eu”.

O marido tinha cuidados com ela e logo falou que estava esperando ansiosamente seu menino; notava-se a felicidade do pai. A mãe escolheu as roupas todas em tons azuis, e o pai já falou que “seu time é o Grêmio”, ele também seria gremista. Saíram juntos, parecendo felizes, e ele carregava a sacola com as roupas do enxoval do nenê.

Mabel tem 17 anos de idade. Está morando, há um ano, com o pai do seu filho. Sua gravidez foi negociada com seu companheiro, visto que usava o método da pílula contraceptiva. Segundo a jovem, quando interrompeu o uso, era esperado que acontecesse a gravidez. Ao perceber os primeiros sintomas, ela fez uma consulta médica e constatou que estava grávida. Logo começou a perceber as mudanças em seu corpo e, de acordo com a gestante, o casal ficou muito feliz. Diante desse contexto de uma gravidez planejada, o conceito de maternidade, para Mabel, consiste em uma fase importante de sua vida, e vem a fortalecer o relacionamento com seu marido.

Mesmo com as mudanças que a maternidade traz à vida da jovem, num segundo plano, projetos para o futuro foram acrescidos à construção familiar em que estão contemplados. Além de ter o filho, ela pensa em trabalhar – principalmente pensando na criança – e continuar seus estudos, já que terminou somente o ensino fundamental. Parece que o trabalho, a retomada dos estudos, a união matrimonial e a maternidade acabam sendo afirmados pelo fato de ela tornar-se mãe e ter a responsabilidade de contribuir no provimento familiar.

Mabel realiza a construção de sentidos para a maternidade, com suporte e apoio do seu companheiro e da figura materna, os quais são apontados pela adolescente como personagens importantes e centrais nessa fase de sua vida. Na relação com a mãe, mais especificamente,

reconhece a grande influência que ela terá nos cuidados infantis, já que a jovem gestante precisará de seus conhecimentos e experiências para cuidar do bebê. Segundo a jovem, o pai da criança é uma pessoa que está muito presente, acompanhando a gravidez. Nas colocações de Mabel, é importante registrar o caráter social, cultural e histórico da condição feminina à maternidade, que considera ser *mãe* um requisito importante para ser uma competente cuidadora da criança (MEYER, 2003).

A gestante idealiza proporcionar boa qualidade de vida para seu filho, demonstrando assumir suas funções maternas, desejando estar presente para dar muito amor e carinho ao bebê. Para a jovem, a maternidade parece lhe ter conferido um novo *status*, na medida em que amplia suas responsabilidades e compromissos.

Ficam implícitas, no relato de Mabel, as construções realizadas em torno das funções materna e paterna, nas quais o lugar que o sujeito ocupa se baseia em investimentos, orientações e ensinamentos de uma cultura específica, voltada a diferenciar. Não há dúvidas de que os arranjos sociais exigem que os pais trabalhem e as mães sejam responsáveis pelas tarefas de criar as crianças, de estruturar e organizar a família, divisões de uma cultura que organiza funções e tarefas de acordo com normativas de gênero.

De acordo com o depoimento do casal, a partir do nascimento da criança, darão um “grande passo” para a vida adulta, já que assumirão os cuidados e as responsabilidades, assim como as situações que deverão enfrentar ao longo do desenvolvimento do filho. Nesse sentido, a escolha pela maternidade pode ser entendida como uma trajetória de vida individual, que entendo estar relacionada a representações sociais, às subjetividades, às experiências de vidas ligadas às e às influências socioculturais.

\*\*\*\*\*

Karina vestia roupas jovens, com motivos infantis, e estava acompanhada de sua irmã mais nova. *Como se sente grávida?* “Faço tudo como antes, só que agora está um pouco complicado para dormir, a barriga me atrapalha, é só de um lado que consigo dormir.” *O que significa a maternidade para você?* “Vou ter nosso bebê, agora posso fazer as coisas que eu quero pra minha vida, já que meu marido tem 22 anos e casamos há um ano”. *Mas como decidiram a gravidez?* “A gente conversou, e eu parei de tomar a pílula. Eu vou ficar em casa cuidando do lar e da minha filha [...] vai ser minha companheira, não ficarei tão sozinha,

posso acompanhar no colégio, em tudo. Vou ficar só de dona de casa e cuidar dos dois. Eu gosto, aprendi tudo com minha mãe.”

Karina é uma adolescente que tem 15 anos de idade cuja gravidez fora negociada, já que tinha um ano de casamento e utilizava pílula anticoncepcional. Decidiram ter um filho pelo fato de que seu marido já era “velho” (com 22 anos) e ganhava bem como pedreiro. Diante desse contexto, ao responder o que é ser mãe, significa a maternidade como um acontecimento que envolve responsabilidade e grande experiência.

A jovem avalia a maternidade como um fato positivo, ao afirmar que a filha será sua companheira, algo de “bom”, enquanto seu marido está fora de casa. Ela evidencia uma necessidade urgente em comprovar sua capacidade de dar amor, mas também em recebê-lo. Isso ainda fortaleceria sua relação com o companheiro, em contrapartida, comprovando sua capacidade de ser mãe. A possibilidade de voltar aos estudos não é referida, pois já havia deixado a escola antes de conhecer seu marido.

Vale dizer que a evasão e a defasagem escolar acabam tornando-se dimensões interligadas à gravidez e à maternidade das jovens. Para a maioria delas, a maternidade ocuparia um lugar fundamental na realização de seus projetos de futuro, muito antes do desejo e da necessidade de estudar e/ou trabalhar fora de casa. Karina, também assume a maternidade como uma forma de ser valorizada e de reproduzir o *status* que lhe é conferido, de mãe e mulher, pela sua família e pela comunidade (AQUINO, 2003; HEILBORN, 2002; BRANDÃO, 2003). Assumindo a posição de mãe, a jovem demonstra ter o apoio de seus familiares, mais especificamente da mãe, que dará suporte ao desempenho das funções maternas, influenciando-a diretamente na construção de sentidos para a maternidade.

O pai de sua filha exerce a função de provedor da família, sustentando a casa. Com a ajuda da mãe de Karina, supre as necessidades materiais e financeiras desse lar. Ele está presente, atuando como um elemento de apoio, responsável por suprir suas necessidades básicas, dar amor, carinho e educação à filha. A gestante também indica que direcionará a maneira de cuidar de sua filha a partir de suas construções sociais e culturais, ou seja, dos significados de maternidade existentes em seu meio.

Termino as análises considerando que a maternidade na adolescência parece reforçar a identidade da jovem enquanto mulher-mãe e propiciar um lugar diferenciado em relação a outras jovens. Ainda o “projeto de maternidade”, para muitas adolescentes, está interligado ao “sonho do casamento” e da “construção de uma nova família”. Apesar do aumento das responsabilidades, da expectativa familiar e da comunidade, compreendo que o desempenho

das funções maternas passa a configurar uma mudança para as jovens, assumindo-se na posição de adultas, cabendo-lhes assumir decisões importantes na família que irão constituir.

## CONCLUSÃO

Este estudo vem reafirmar dados de pesquisas existentes, os quais nos mostram que a *maternidade* na adolescência, em classes populares, merece reflexão. O desejo de ser mãe é tomado como um valor construído socialmente, a maternidade, como uma passagem para vida adulta, e a gravidez, como “um projeto de vida”. No entanto este trabalho veio fortalecer a compreensão de que a gravidez/maternidade na juventude pode ser vista como uma escolha, algo relacionado a um projeto de vida e de futuro, capaz de oportunizar a vivência de alegrias, responsabilidades, realizações, fortalecimento conjugal e reconhecimento social.

As jovens referiram conhecer alguns métodos contraceptivos, e 60% delas abandonaram o método que usavam, com o intuito de engravidar. É importante ressaltar que os conhecimentos de métodos contraceptivos, bem como sua interrupção, acompanharam a decisão e a programação da maternidade, a ser tomada voluntariamente, uma vez que Sandra e Ingrid decidiram assumir uma gravidez. Embora conhecessem os métodos, decidiram, em conjunto com seus companheiros, não fazer uso de nenhum.

Os destaques dados a gravidez na adolescência, trazem geralmente uma abordagem alarmista, articulando-se muitas vezes a uma discussão sobre a iniciação da sexualidade na juventude. Espero que os resultados da pesquisa permitam que outros/as estudantes possam discutir e refletir a cerca da gravidez e da maternidade, não de uma forma verticalizada, preconceituosa, distante das vivências de muitas jovens.

Dessa maneira, entendo ser necessário refletir sobre a elaboração de programas no âmbito educacional, da saúde e de geração de renda para as famílias pobres. O Estado precisa estar atento às realidades locais, investindo em programas nacionais e regionais, considerando as desigualdades sociais.

Já que as pesquisas identificam que o maior índice de maternidade na adolescência ocorre em meninas das classes populares recomenda-se a utilização de metodologias que lhes propiciem uma reflexão acerca de temas relevantes, como sexualidade, afetividade e gravidez e outros assuntos relacionados à qualidade de vida, à saúde sexual e à vida reprodutiva. Convém, também, *reacessar* os programas existentes na juventude, no campo da saúde, avaliando suas condições e seu alcance para melhor beneficiá-la, além de apoiar projetos com intenção de construir a maternidade.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, E. M. L.; HEILBORN, M. L.; KNAUTH, D. ET al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. **Cad. Saúde Pública**, v. 19, supl. 2, p. 377-388, 2003.
- BADINTER, E. **O mito do amor materno**. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.
- BEMFAM. **Pesquisa Nacional Demografia e Saúde**. Rio de Janeiro: Bemfam, 1997.
- BRANDÃO, E. R. **Individualização e vínculos familiares em camadas médias: um olhar através da gravidez na adolescência**. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Individualização e vínculo familiar em camadas médias: um olhar através da gravidez na adolescência**. 2003. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- \_\_\_\_\_. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, M. L. (org). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 63-86.
- \_\_\_\_\_. Gravidez na adolescência: um balanço bibliográfico. In: HEILBORN, M. L. et al. (org.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Garamond, 2006. p. 61-95.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Secretaria de Estado dos Direitos Humanos. Departamento da Criança e do Adolescente. Brasília, 2002.
- \_\_\_\_\_. Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceito. **Cadernos Secad**, v. 4. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007.
- CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da maternidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1980.
- COLLIN, F. Différence des sexes (théories de la). In: HIRATA, Helena et al. **Dictionnaire critique du féminisme**. Paris: PUF, 2000. p. 26-35 COLLIN, F. Du moderne au post-moderne. Cahiers du GEDISST, Paris, IRESO/CNRS. p.7-26,1995.
- COSTA, T. N. M. da. A maternidade em menores de 15 anos em Juiz de Fora (MG): abordagem socioantropológica. **Praia Vermelha**, Rio de Janeiro, n. 7, 2002.
- DICIONÁRIO ELETRÔNICO LAROUSSE. São Paulo: Ediouro, 2004. 1 CD-ROM.
- FIDALGO, Lurdes dos Anjos. **(Re)Construir a maternidade numa perspectiva discursiva**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2006.

GALLAND, O. **Sociologie de la jeunesse**. Paris: Armand Colin, 1997.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

GOLDENBERG, Miriam (org.). **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HEILBORN, M. L. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade: O olhar das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999 p. 40-58.

HEILBORN, M. L.; BOZON, M.; AQUINO, E.; KNAUT, D. **Por uma abordagem sócio-antropológica dos comportamentos sexuais e reprodutivo da juventude no Brasil: a construção da pesquisa**. Rio de Janeiro: 2001.

\_\_\_\_\_ et al. Aproximações sócio-antropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 13-45, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2000**. Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/home/estatistica/população/censo2000>>. Acesso em: 15 jun. 2004.

\_\_\_\_\_. **Séries estatísticas retrospectivas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

KLEIN, Carin. “...Um cartão [que] mudou nossa vida”? **Maternidade veiculadas/instituídas pelo Programa Nacional de Bolsa-Escola**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MEYER, Dagmar E. E. As mamas como constituinte da maternidade: uma história do passado? **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 117-133, jul./dez. 2000a.

\_\_\_\_\_. **Identities traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz: EDUNIS; Sinodal, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Pedagogias do aleitamento materno: educação, saúde e produção de identidades maternas**. Porto Alegre: FAPERGS, 2002. Relatório de pesquisa.

\_\_\_\_\_. Gênero e educação: teoria política. In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, S. V. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_; SOARES, Rosângela. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

\_\_\_\_\_. A politização contemporânea da modernidade. Gênero: núcleo transdisciplinar de estudos de gênero. **NUTEG**, Niterói, v. 6, n. 1, 2006.

RAGO, Margareth. E se Nietzsche tivesse razão? A categoria do gênero no pós-estruturalismo. In: SCAVONE, Lucila (org.). **Tecnologias reprodutivas: gênero e ciência**. São Paulo: Editora UNESP, 1996. p. 31-46.

ROJAS, L. M. L. **Gravidez na adolescência e intervenções comunitárias**. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social) – Programa Eicos, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

SÃO PAULO. Secretaria do Governo Municipal. Coordenadoria Especial da Mulher. **Gênero e educação: caderno de apoio para educadora e educador**. São Paulo: Secretaria do Governo Municipal, 2003.

SARTI, Cynthia. Famílias enredadas. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia (org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2002.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Cortez, 2003.

SCAVONE, L. Direitos reprodutivos, políticas de saúde e gênero. **Estudos de Sociologia**, v. 5, n. 9, p. 141-158, jul./dez. 2000.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-100, jul./dez. 1999.

VIEIRA E. M. et al (org.). **Seminário gravidez na adolescência**. Rio de Janeiro: Associação Saúde da Família, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

A referida pesquisa pretende discutir **Gravidez juvenil e sua Trajetória Afetiva**, do ponto de vista de relações de gênero, traçar a história de comportamentos sexuais através das épocas e civilizações, as informações serão utilizadas na construção do relatório final da pesquisa no formato de dissertação.

A sua colaboração é muito importante para realização da pesquisa, mas é possível desistir de participar a qualquer momento; ressaltamos que será assegurado as participantes o caráter confidencial das informações.

Pelo presente termo de consentimento, declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento ou coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos a qual serei submetida.

Assim como igualmente fui informada da garantia de receber respostas a qualquer pergunta ou esclarecimento sobre os procedimentos, e outros assuntos relacionados à pesquisa, tendo a liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento e o deixar de participar do estudo, sem que isso me traga nenhum tipo de prejuízo.

Foi me garantida à segurança de que não serei identificada e que se manterá o caráter confidencial e anônimo das informações. Os resultados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou escrito, que venha ser publicado.

---

Participante da pesquisa

---

Responsável da pesquisa